Cabo Delgado: Locais históricos

● Machambas e aldeias nas antigas bases guerrilheiras

N. (supl. 'Indep. 24º aniv.') 25/6/99 p. 8

Pedro Nacuo

FORA a Base Central dos guerrilheiros da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), distrito de Muidumbe, 60 quilómetros a sudeste da sede distrital de Mueda, e a chamada Base Beira, em Nangade, os outros locais históricos da já prenhe em sítios do género, província de Cabo Delgado, têm machambas naquilo que um dia foi o ponto de partida para investidas que os heróis desta pátria usaram para levar a chama da liberdade aos dias que temos hoje: de independência, integridade territorial e soberania.

Só as bases Central e Beira continuam lugares que, não sendo conservados, são pelo menos preservados, à custa de um sentido de certo modo mitológico de grupos voluntariamente organizados de antigos combatentes, que tudo fazem para que as populações não invadam as áreas para cultivo.

"Estou a ser insistentemente pressionado pelas populações que querem abrir machambas na Base Central", diz, já desgastado, Pedro Seguro, administrador distrital de Muidumbe, falando ao nosso Jornal em recente deslocação ao distrito mais detentor da História da FRELIMO.

A recusa de Seguro não pode ser vista como sendo uma batalha já ganha pelas autoridades no sentido de preservar os locais históricos, mas sim um retardar do fenómeno que já infelizmente se instalou nas populações de não os respeitarem.

Muidumbe, distrito que o é depois que foi instituída a nova divisão administrativa, é, na verdade, aquilo que se pode considerar sem rodeios o ventre da Frente de Libertação Nacional, que por mera casualidade os nacionais oferecem esse mérito a Mueda, afinal porque na altura ainda toda a região era assim chamada.

Três dias no distrito de Muidumbe não nos deram tempo para pisar onde fosse possível por ouvir estórias da luta armada de libertação de Moçambique. Cada ponto deu uma estória e cada aldeia afinal uma base dos guerrilheiros.

De Mueda passámos por cada aldeia: Lilondo, Nimo, Lithombo e Miteda. Aqui, mais abaixo era a chamada Base Gungunhana, de artilharia. Primeiro comandante da mesma, Pedro Seguro é o actual administrador do distrito e por sinal natural do mesmo. Estamos a falar do Segundo Sector Operativo, que partia da estrada que liga Mueda a Mocímboa da Praia e ao rio Messalo. Aqui, a base de artilharia Gungunhana trabalhava em coordenação com a Base Central, ainda no mesmo sector.

Aliás, Seguro operou em todos os sectores operativos da luta armada de libertação nacional, desde o primeiro, do rio Rovuma à estrada Mueda/Mocímboa da Praia, o já referido segundo sector, o terceiro, que partia do rio Messalo ao rio Montepuez, e o quarto, que ia até ao rio Lúrio.

De Matambalale partiu a coluna de bicicletas de grandes nomes que encabeçaram a reivindicação pela independência nacional, em Mueda, que foi culminar com o massacre, nomeadamente Faustino Vanomba e Kibirite Diuane, cujos restos mortais foram transladados há dias da província de Inhambane para a sua terra natal.

Mais três quilómetros e estamos em Muatide, com dois estabelecimentos históricos. Um é o "Hospital Provincial", então denominado Zambeze, hoje um centro de Saúde. O papel histórico do centro não aparece nem nos seus funcionários, muito menos nos seus utentes. É, como outros, qualquer hospital.

Luís Mateus, chefe da Administração e Finanças do distrito de Muidumbe, fala ao nosso Jornal, porque afinal a sede distrital funciona naquela localidade. Diz saber que foi o primeiro hospital que a FRELIMO montou no interior do território nacional, mas nada mais há acima disso.

O centro, felizmente, e de acordo com a nossa fonte, tem aquilo que se exige a um estabelecimento hospitalar do seu calibre: uma maternidade com uma enfermaria do SMI, um laboratório de análises clínicas com um microscopista, quatro enfermeiros de medicina geral, um agente de medicina, um técnico de medicina, um agente de farmácia e quatro serventes.

O "Hospital Provincial" de Muatide tem, nos tempos que correm, uma capacidade de 40 camas, igual número de colchões, mantas e lençóis.

"E não há problemas quanto ao equipamento, bem como não temos tido roturas de medicamentos, senão quando a crise for geral na província", diz Luís Mateus.

Na verdade, o Centro de Saúde de Muatide funciona com uma viatura a caminhar para o seu fim, mas com a promessa de ser reposta, segundo nos confidenciou o chefe da Administração e Finanças do distrito, e duas motorizadas ainda em funcionamento.

No tempo da luta armada de libertação nacional, o hospital não funcionava ali nas bermas da estrada, mas sim, segundo nos disseram, um pouco mais para o interior, mas na mesma região. Tudo o que em matéria de saúde dizia respeito tinha no "Hospital Provincial" de Muatide como a última alternativa, depois do qual o enfermo só podia ser encaminhado para a Tanzania.

CENTRO-PILOTO LUANDA

Dois quilómetros à esquerda do Centro de Saúde de Muatide temos o centro-piloto de Luanda, hoje uma simples e qualquer escola do Ensino Primário do Segundo Grau. Em tempo de guerra de libertação nacional funcionava junto ao vale do rio Muatide.

Construído, mas não concluído, em 1984, o centro leccionou então as quinta e sexta classes do que era o Ensino Secundário. Mas o problema de Luanda é precisamente a falta da conclusão das obras infra-estruturais do centro. Ficou-se com apenas duas salas de aulas que hoje funcionam para 594 alunos, das 12 salas iniciadas; 298 alunos são internos. Inácio Massalamala, director pedagógico do Luanda, explica o que aconteceu:

"Houve um momento, mesmo no decurso do interesse da conclusão das obras pela organização que financiou a construção do centro, se não me engano sueca, em que as populações meteram-se a destruir o que estava sendo construído. Houve roubos inconfessáveis de janelas e portas, e a referida organização recuou um pouco e condicionou a continuidade do projecto ao fim do vandalismo".

vulgarizados

Mas no ano passado a mesma organização veio a condicionar a continuidade do projecto de uma maneira um pouco mais clara, pois exige que a escola consiga vedar o recinto, depois do que as obras terão a sua conclusão. Só que não se sabe quando é que a Educação vai dispor de meios financeiros para fazer a vedação de um recinto tão grande como ovimos na escola de Luanda.

O que mais intriga, entretanto, não são as condições em que se encontra o ex-centro-piloto de Luanda, mas sim saber que há alunos que, estudando ali há mais de dois anos, não sabem que têm o privilégio de estar numa escola histórica, a primeira da Frente de Libertação de Moçambique no interior do país, que funcionou debaixo dos intensos bombardeamentos dos "Fiat" vindos da base aérea de Nacala-Porto e que formou desse jeito muitos homens hoje "senhores" em diferentes frentes de produção e da política nacional.

O director pedagógico de Luanda não esconde esse sentimento e, a uma pergunta da nossa Reportagem sobre se os alunos ali estudando sabiam, por exemplo, que mais 10 quilómetros e tinham a Base Central, o centro de decisão de toda a guerra movida pelos nacionalistas à busca da independência, refugiou-se no facto de a maioria deles ser de Muidumbe.

"Eles são quase todos deste distrito, sabem", disse Massalamala, que acrescentou que dentro do espírito de fazer perdurar a História, alguns deputados da bancada maioritária têm estado a tentar entrar em contacto com os alunos da Escola de Luanda.

"Por exemplo, esteve aqui no dia 3 de Fevereiro o deputado Mugala, que falou aos alunos sobre a importância deste local", acrescentou.

Entretanto, tanto em Muatide, Centro de Saúde, como na Escola de Luanda, não existe nenhum documento que sirva de elemento útil para recordar os momentos iniciais daqueles verdadeiros monumentos. Não há nada escrito e os próprios funcionários actuais, enfermeiros ou professores, mal sabem da importância do que estão a dirigir.

Em Muidumbe, Marina António, a antiga combatente que em 1997 havia dito a este Jornal que não tinha a situação de pensões regularizada e que foi das primeiras chefes do Destacamento Feminino, disse-nos desta vez que tudo já está em ordem. "Já não tenho problema, senão o facto de a base continuar mato e ninguém diz mais nada. Estamos numa luta para que as pessoas não invadam a área para machambas", disse ela, corroborada pelo administrador distrital, Pedro Seguro, que entretanto reconhece que a batalha está aparentemente ganha, porque ele diz às populações que ao se introduzirem na base correm riscos de diferentes proveniências, desde o perigo de detonar engenhos dos mais variados calibres ainda activos, até, quem sabe?, soterrar-se naquilo que foram as trincheiras e abrigos dos tempos idos.

24 DE MARÇO

Agora estamos numa aldeia que passou a ser histórica, mas pouco falada nos tempos que correm. Trata-se da "24 de Março". Mais uma vez, pessoas de idade razoável há que não sabem a razão do nome, de um mês aparentemente "livre" de datas históricas do Moçambique de hoje.

Na verdade, nas baixas de Nanhoca, em 1966, numa localidade quase num vale e em região de intensas chuvas, registou-se um aluimento de terras que soterrou um número até aqui não conhecido de pessoas, na sua maioria milicianos da Frente de Libertação de Moçambique, por isso o nome da aldeia, que coincide justamente com a data em que o fatídico acontecimento se deu.

Mas hoje as crianças ali residentes não sabem a razão por que a sua aldeia ostenta o nome de uma data que aparentemente não tem significado. "Não sabemos porquê", disseram crianças encontrados na parte frontal da aldeia, no que é o mercado de todos os aldeãos.

MISSÃO DE NANGOLOLO

A Missão de Nangololo está mais ou menos a dois quilómetros da Aldeia 24 de Março. Foi, durante largo tempo do colonial-fascismo, acusada de colaborar com os "turras", mas a morte do padre Daniel provavelmente terá sido o princípio das desconfianças que nos são dadas pelos nossos entrevistados de como, afinal, tudo terá sido obra do MANU, um dos três movimentos que se fundiram para formar a FRELIMO.

Lucas Mbunde é dado como sendo o autor do crime que vitimou o padre Daniel. Reside actualmente em Mombaça, no Quénia. No momento da nossa presença em Muidumbe, um ancião era hóspede da casa do administrador e disse ter visto Mbunde naquele país da costa oriental de África.

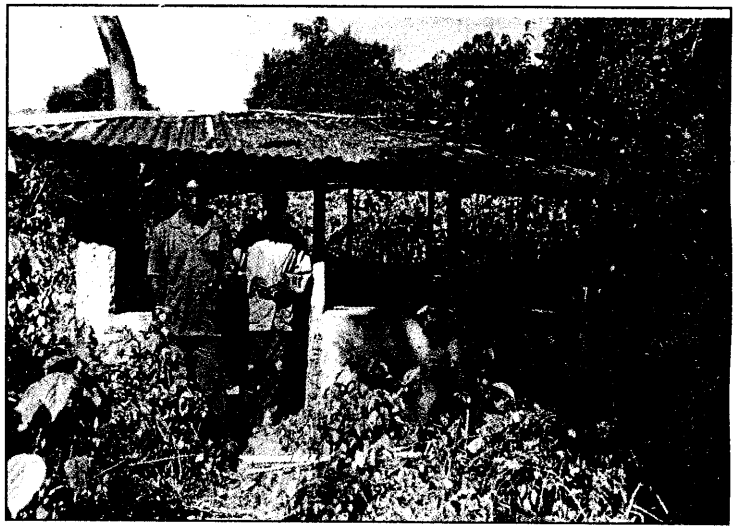
Não fomos felizes, entretanto, na tentativa de nos encontrarmos com Ernesto Tamanguila, ferido na circunstância em que o padre Daniel foi assassinado.

Pedro Seguro, actual administrador de Muidumbe, tinha 14 anos de idade quando o padre Daniel foi assassinado. Hoje tem 49 anos, e diz que tudo teve a ver com o facto de que a nível do MANU havia indivíduos insatisfeitos com a união dos três movimentos.

Três dias nas antigas zonas libertadas em Cabo Delgado são poucos, porque cheias de episódios da guerra libertadora. Todos os residentes de mais de 40 anos de idade conheceram-se em alguma base e recordam alguns combates.

RIPUA ARTILHEIRO

Foi interessante ver o administrador Seguro a conversar com quem se encontrasse sobre um determinado momento de combate em que estiveram juntos. Foi igualmente interessante saber que os antigos combatentes da luta armada de libertação nacional admiram Wehia Ripua como artilheiro que estava afecto à Base Central. "Os homens na artilharia aqui eram Ripua e Seguro, recorda Baptista Lilepe, que não escondeu que nessa altura "éramos crianças, o fenómeno da utilização de crianças na guerra existiu também entre nós".

No distrito de Nangade fica situada a Base Beira, das mais famosas de então, mas tal como a Central, de Muidumbe, não tem mais nada do que um extenso matagal, aparentemente guarnecido por uma aldeia de antigos combatentes que a delimita do resto da povoação.

Não há história viva, porque sem ser por curiosidade, pode-se ir e voltar sem nada chamar a atenção, mesmo o sinal que se encontra no desvio da estrada principal que vai à sede distrital não espelha a importância que a base teve nos tempos áureos da luta armada de libertação nacional. No mesmo distrito, uma mulher disse à nossa Reportagem ter participado na última reunião dirigida por Josina Machel, na localidade de Intanda. Chama-se Cristina Linguma. Não sabe quantos anos tem, mas diz que Josina disse na reunião que se estava a sentir mal. Tinha dores de cabeça e depois foi evacuada; tendo atravessado o rio Rovuma pela aldeia de Mandimba, conhecida entre os residentes como "Aldeia da Vovô Sina", a pessoa mais velha ali residente, cujo terceiro filho, Cassamo Kathiki Namando, completa este ano 73 anos de idade.